



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao ex-presidente de Portugal, Mário Soares, para a Rádio e Televisão de Portugal - RTP

Palácio do Planalto, 20 de fevereiro de 2008

Obs: a entrevista foi divulgada pela RTP no dia 16 de julho de 2008

Mário Soares: Antes de mais nada, senhor Presidente, eu queria agradecer-lhe a maneira tão simpática e rápida com que marcou este nosso encontro para conversarmos um pouco. Não se trata de uma entrevista formal, eu não sou jornalista, como sabe, mas estou fazendo uma série de entrevistas com personalidades do mundo inteiro para, não propriamente no seu caso, dar a conhecer em Portugal, porque toda a gente o conhece em Portugal, mas a emissora, a Rádio e Televisão de Portugal tem um programa internacional, tem um programa para a África, etc, e é útil que o conheçam melhor em Portugal, que o ouçam e vejam. Também queria começar por felicitá-lo por essa (inaudível) que só quando cheguei ao Brasil me dei conta de que, desde 2003, o senhor Presidente atinge o auge de popularidade e apreço de seus concidadãos brasileiros, portanto, nunca esteve tão bem colocado nas sondagens. Por outro lado, e também é muito importante, os brasileiros manifestam um grande otimismo em relação ao futuro. É assim?

Presidente: Bem, dr. Mário, primeiro é uma alegria recebê-lo mais uma vez, aqui no Brasil, e podermos ter essa conversa com muita tranquilidade, já que o senhor mesmo disse que não é uma entrevista, é uma conversa. Eu acredito, dr. Mário, que as pesquisas retratam um pouco o que tem acontecido no Brasil. Nós temos uma situação, eu diria, muito exitosa no Brasil. Certamente



poderemos melhorar ainda mais, vai depender de acertarmos na política daqui para a frente. Mas eu, que fui dirigente sindical durante parte da minha vida, e na década de 80 fazia as greves no Brasil para ver se melhorava a vida do povo trabalhador, durante toda a minha vida no sindicato, por exemplo, nunca consegui ter um aumento de salário acima da inflação, nós sempre estávamos correndo atrás da inflação. O que está acontecendo neste momento, no Brasil, é que a economia cresce há mais de 24 meses consecutivos. A renda vai sendo distribuída na medida em que a economia vai crescendo, 97% dos acordos salariais foram com ganho de aumento real de salário para o trabalhador. Nós temos uma forte política de inclusão social ligada ao programa Fome Zero, liderada pelo Bolsa Família, que atende 11 milhões de famílias, são quase 44 milhões de pessoas. Nós, este ano, atingiremos dois milhões de residências no interior do País que estão recebendo energia elétrica, dada gratuitamente pelo governo. Nós estamos fazendo um grande investimento na área da educação, na área da saúde, e tudo isso vem fazendo com que o povo perceba que as coisas começam a melhorar.

Se o senhor me perguntasse: “Quer dizer que está tudo muito bem?” Eu diria: não. Tem muita coisa para fazer ainda, porque depois de décadas e séculos em que uma parte da população foi esquecida pelos governantes, nós não vamos conseguir recuperar isso em 10, 15 ou 20 anos. Vão ser necessárias algumas gerações para que a gente possa colocar o Brasil num modelo de país com política social capaz de ser comparada aos melhores países europeus. Isso vai levar tempo. Mas o que é importante é que nós estamos no caminho certo, e acho que a nossa política para a população negra, para a população indígena, para a juventude e para as mulheres tem permitido que a sociedade brasileira esteja convencida de que vale a pena acreditar no seu País. Afinal de contas, dr. Mário, foram 26 anos em que o povo brasileiro viveu com muita, muita desesperança. Eram planos econômicos que pareciam que iam salvar a pátria e depois não davam certo, era crise



internacional que abalava a economia brasileira. É por isso que nós estamos vivendo um momento tranquilo, porque sofremos muito em 2003. Fizemos, talvez, o maior ajuste fiscal que este País já viveu, para que depois a gente pudesse colher, com muita tranquilidade e com muita sobriedade, o que estamos colhendo agora. Mas posso lhe dizer que, se estamos bem, ainda falta muita coisa a ser feita no nosso País.

Mário Soares: Sem dúvida. Mas o que é paradoxal, e para a gente que vem de fora do Brasil... Bem, o Brasil hoje tem crédito internacional extraordinário, é um dos países emergentes e um dos países que tem menos problemas entre os quatro países emergentes. Sem dúvida, portanto, há razão para otimismo, conseguiu em relação à inflação, à moeda, ao valor da moeda internacional, em todos esses aspectos, e mesmo no emprego, apesar de ainda haver desemprego, é considerável. Mas ao mesmo tempo – as sondagens refletem isso – quem lê a imprensa brasileira, quem vê as televisões brasileiras e quem ouve alguns políticos brasileiros, tem a impressão de que é exatamente o contrário. O que é isso?

Presidente: Nós temos a seguinte situação: não é um problema da imprensa brasileira. Eu tenho andado pela América Latina e tenho percebido que a imprensa tem, nos últimos anos, feito uma opção por dar destaque às notícias negativas. Aquilo que é positivo é quase como se fosse obrigação do governo fazer. Aquilo que dá errado é que merece manchete de jornais. Eu poderia citar um exemplo para o senhor, a febre amarela. Quem lesse a imprensa brasileira poderia imaginar que nós estávamos vivendo uma crise de febre amarela sem precedentes na história da humanidade. Entretanto, nós detectamos 31 casos e, desses 31 casos, morreram 16 pessoas. Foi uma (inaudível) apenas aqui no cerrado brasileiro, nessa região, sobretudo, de Tocantins, de Goiânia e de Brasília. Em 2001, morreram 21 pessoas e a imprensa nem noticiou. Então, eu



acho que há uma predisposição da imprensa em vender uma coisa negativa. Da parte dos políticos, você tem sempre adversários, o senhor foi político a vida inteira e sempre teve adversários. O adversário nunca se contenta com os seus acertos. Todo adversário fica procurando os seus defeitos para poder falar, porque oposição sem discurso tem muita dificuldade.

Eu estou convencido de que o que estamos fazendo hoje é uma coisa que vem sendo construída há décadas no Brasil, cada um fez um pedacinho. Eu tive a felicidade de governar o Brasil num momento em que eu tinha um acúmulo de experiência no movimento social, e grande parte das coisas que estamos colocando em prática aqui são coisas que a gente reivindicou ao longo da vida. Este Palácio aqui, por exemplo, foi feito para participarem dele reis, rainhas, primeiros-ministros, presidentes, empresários, banqueiros. Todos eles estão participando aqui, mas também participa gente de favela, participa o movimento sindical, participam os sem-teto, participam os negros, participam os índios, participam os deficientes físicos, participam os gays e lésbicas. Por quê? Porque o Palácio do presidente da República é a extensão da casa de todos os 190 milhões de brasileiros. As pessoas começaram a perceber que alguma coisa começou a mudar no País. Eu trabalho com a certeza, com a convicção de que nós estamos num caminho sem volta. O senhor ainda vai ver pela imprensa, a oposição vai gritar, a oposição vai xingar. Agora mesmo, no ano passado, só para o senhor ter uma idéia, a oposição nos tirou 20 bilhões de dólares do orçamento. Com que objetivo a oposição nos tirou? Para não permitir que o governo tivesse mais sucesso do que está tendo. E o que vai acontecer? Mesmo sem 20 bilhões, nós vamos fazer tudo o que a gente queria fazer, porque nós vamos tratar de arrecadar mais, nós vamos tratar de fazer cortes onde precisa cortar, mas nós vamos fazer. Eu tenho dito isso todo santo dia: aconteça o que acontecer neste País, os políticos podem dizer o que quiserem, mas eu vou andar por este País porque eu não vou jogar fora essa oportunidade. Essa é uma oportunidade ímpar na história do País: economia



crescendo, exportações crescendo, importações crescendo, salários aumentando, inflação controlada, crédito aumentando. Meu querido dr. Mário Soares, quando nós entramos aqui neste País, nós tínhamos 300 milhões de reais de crédito, hoje nós temos praticamente 1 trilhão de crédito.

Mário Soares: É realmente uma coisa extraordinária. Eu sei que isso é uma coisa extraordinária, mas gostaria muito de ouvi-lo dizer isso com a veemência (inaudível). O Brasil hoje é um país, repito, considerado internacionalmente e a Europa vê isso. A questão da imprensa não é diferente na Europa. Nós, em Portugal, não temos também...

Presidente: Eu aprendi a não reclamar da imprensa. Por isso, agora, estamos no Congresso Nacional votando uma TV Pública, como a RTP em Portugal, vamos fazer uma rede pública aqui no Brasil para que o povo tenha uma opção. Uma coisa, dr. Mário, que é importante, é o seguinte: quando eu entrei aqui, o Brasil tinha uma cabeça internacional equivocada. A cabeça internacional do Brasil chamava-se Estados Unidos e União Européia. No dia 25 de janeiro de 2003 eu fui a Davos, e na volta eu disse ao meu ministro: Celso, a gente pode mudar a geografia econômica do mundo, nós temos a China, nós temos a Índia, nós temos países como Portugal, com quem a nossa relação é muito menor do que poderia ser, nós temos toda a América do Sul, temos a América Latina, temos a África, temos o Oriente Médio, que parecem muito distantes do Brasil, e pelo jeito de ser do povo brasileiro, a gente pode conquistar uma relação de amizade mais forte. O senhor não imagina como eu fui criticado aqui no Brasil porque eu disse que ia fazer a minha opção preferencial pela América Latina e pela África. Os chamados especialistas em política internacional, que já tinham governado o Brasil, acharam um absurdo: “África e América Latina?” Sabe o que aconteceu? Hoje a nossa balança comercial com os Estados Unidos representa apenas 20% do nosso comércio.



Quem representa mais hoje? É exatamente a América Latina.

Mário Soares: E não depende do Banco Mundial e nem do Fundo Monetário Internacional, o que é muito importante.

Presidente: Com a África, nós tínhamos 3 bilhões de balança comercial. Hoje estamos com quase 17 bilhões de balança comercial. Eu tenho alertado todo mundo: preparem-se porque a África está aprendendo a gostar de democracia, o povo africano está aprendendo a conquistar a cidadania e o povo africano vai ter que ser levado em conta, muito seriamente, nos próximos 20 ou 30 anos. É por isso que eu tenho feito sugestão. O Programa de Biodiesel que eu criei aqui no Brasil é a cara da África. Eu sonho com Portugal, sonho com Espanha, sonho com a Alemanha, sonho com a França fazendo parceria com os países africanos, para produzir os biocombustíveis no continente africano, para a gente contribuir com o desenvolvimento da África.

Mário Soares: Já vamos falar dos biocombustíveis, porque esse é um ponto muito interessante para hoje. Mas, queria fazer-lhe ainda uma pergunta para terminar esta... É verdade que o Brasil é efetivamente um país que se desenvolve muitíssimo, mas o que parece interessante é que, há algum tempo, o sr. Presidente foi acusado de seguir muito uma política monetarista e não social e não ambiental. Vejo pelo discurso que o senhor está fazendo, que o sr. Presidente continua fiel às suas origens e às suas convicções desde sempre, porque eu o conheço há mais de 30 anos, e sendo um sindicalista, um homem que entende que não há desenvolvimento sério, sustentável, sem respeito pelo social, sem pensar na pobreza e, sobretudo, sem respeitar o ambiente, não é assim?

Presidente: Também, quando a gente vai ficando mais velho, vai ficando mais



experiente, a gente vai descobrindo que só pode fazer política de distribuição de renda se você tiver renda para distribuir. Se a economia não estiver crescendo, não tem o que distribuir. Se você não administrar as suas finanças dentro de casa, corretamente, nunca vai poder comprar móveis novos para colocar dentro de casa. Então, eu tomei consciência de que primeiro era preciso fazer as chamadas políticas monetária e fiscal que tinham que ser feitas, porque o Brasil precisava conquistar credibilidade interna e externa. Ao longo da história o Brasil deu muito calote, o Brasil achava que poderia enganar todo mundo. Nós resolvemos agir com seriedade. Até que nós criamos as condições de não ficar dependendo do FMI. Devolvemos para eles os 15 bilhões de dólares que eles tinham aqui, sem nenhum discurso, não fui fazer cadeia de televisão. Com muita humildade, devolvi: não precisamos mais. Hoje temos 190 bilhões de dólares de reservas, o que é uma coisa que dá segurança para o nosso País na sua relação internacional. Mas o mais importante, dr. Mário, foi a criação do G-20. Quando nós nos reunimos em Cancún para discutir a questão dos acordos da OMC, nós achamos que não era possível ficar...

Mário Soares: Quando se diz “nós”, inclui a China e outros países.

Presidente: Obviamente, incluo a China, incluo a Índia, incluo a África do Sul. Por quê? Porque era o G-8 que decidia tudo.

Mário Soares: Sem ter nenhuma legitimidade no plano internacional. É (inaudível) de gente rica.

Presidente: China e Índia estão num crescimento extraordinário. São países que, juntos, têm quase metade da população mundial. Depois entra o Brasil, África do Sul, México, países importantes também no cenário mundial. Por que



nós deveríamos ficar dependendo apenas das decisões dos ricos e não poderíamos formar o nosso Bloco? Criamos o G-20 e hoje eu posso lhe afirmar que dificilmente haverá decisão na OMC sem que o G-20 seja ouvido.

Mário Soares: Sim, sim. Isso é extremamente importante.

Presidente: Mas sabe por que, dr. Mário? Eu aprendi uma coisa, eu aprendi no sindicato. Nenhum interlocutor respeita quem não se respeita. Esse negócio de um país latino-americano ir negociar com a Europa e com os Estados Unidos de cabeça baixa, como se fosse um país de segunda classe... Qualquer dirigente que for negociar assim, já entra derrotado e sairá duplamente derrotado. É preciso que a gente tenha orgulho do nosso povo. A gente precisa ter orgulho dos nossos problemas, porque assim a gente pode resolvê-los. Eu acho que é isso que está acontecendo no Brasil. Tem a auto-estima boa do nosso povo, a nossa relação com Portugal é uma relação boa, melhorou muito, com a Espanha melhorou muito, com a Europa melhorou, melhorou com os Estados Unidos, melhorou com o México, melhorou com a América Central. Quase nenhum presidente do Brasil tinha visitado a América Central. Em cada país que chego, eu sou o primeiro a chegar lá. Uma parte da elite deste País só gostava de se encontrar com rico. Os pobres daqui, Equador, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina, Colômbia, Peru, tudo isso é...isso é só problema, não vamos conversar.

Nós estamos discutindo o seguinte: o que nós temos de nichos de oportunidades entre nós? Em que nós poderemos nos ajudar? O que o Peru pode produzir e vender ao Brasil e o que o Brasil pode vender ao Peru? O que nós poderemos fazer para a integração da América do Sul? Então, é uma nova cabeça. Eu me lembro de que no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, o ministro da Fazenda do Brasil ficava brigando com o ministro da Argentina, para ver quem era mais amigo do chefe do Tesouro americano. Eu



me lembro da briga de Cavallo e de Fernando Henrique Cardoso para saber quem era mais amigo do Bill Clinton. Ora, eu não posso governar o País tratando as pessoas como amigas. Eu sou chefe de Estado, nós temos direitos e eles têm direitos, e é assim que a gente se senta à mesa para conversar. Eu acho que isso é o que mudou no Brasil.

Mário Soares: Isso mudou e é importante. Comparando o Brasil com a Índia e com a China, mas a China tem fragilidades sociais e outras que o Brasil, felizmente, não tem. Isso é uma minoria. Em relação à Índia, há o grande problema das castas. Basta conhecer um pouco a Índia para perceber que também há uma fragilidade imensa em relação ao futuro. Felizmente, o Brasil não tem nenhuma dessas fragilidades, e pode, portanto, avançar mais rapidamente do que eles. Mas há uma questão que me parece importante: o Clinton, quando terminou o seu mandato, deixou um superávit imenso na América, e estes oito anos que já vão acabar, dentro em breve, do Bush, foram o contrário. O Bush, neste momento, transformou a América numa situação terrível porque tem um déficit externo descomunal, tem inflação crescendo, tem desemprego crescendo como nunca cresceu, tem situações de grandes dificuldades internas e, por outro lado, tem todas aquelas guerras terríveis por causa do petróleo. Ora, uma coisa que é importante que eu gostaria que me dissesse acerca disso (inaudível) é que o neoliberalismo, como se chama esse sistema monetarista, que o Brasil, de alguma maneira no princípio do seu mandato, quis equilibrar a Casa para depois poder fazer política social, está hoje esgotado. Estão a seguir as eleições americanas, com certeza, e seja qual for a personalidade que ganhe na América, é certo que ela vai ter que mudar a política interna e externa dos Estados Unidos, isso é muito importante.

Presidente: E eu estou torcendo para que isso aconteça. Eu estou torcendo para que ganhe nos Estados Unidos o presidente da República que tenha,



primeiro, uma melhor visão sobre o mundo, que olhe para a América Central como parceiro, com a perspectiva de ajudar e não...

Mário Soares: E não como uma colônia.

Presidente: E não como colônia. Que olhe para a África com o objetivo de ajudar, de construir parcerias, de fazer projetos de desenvolvimento conjunto, e não como uma forma de explorar riqueza. Obviamente, eu não posso dar palpite na eleição de outro país, mas me encanta profundamente saber que um cidadão, até ontem desconhecido do público internacional, começa a ganhar projeção, que é o Obama. Além de tudo, é negro. Acho que é uma coisa extraordinária para os Estados Unidos.

Mário Soares: É um sintoma extraordinário que um negro vá para a Casa Branca.

Presidente: Agora, como eu não sou eleitor lá, eu fico só torcendo daqui.

Mário Soares: Senhor Presidente, vejo que estamos muito próximos. Eu não sou presidente, portanto, não tenho que ter nenhuma reserva naquilo que penso, (inaudível). Portanto, eu também sou um grande partidário do Obama, não só por ele ser afro-americano e ser, simbolicamente, extremamente importante, mas porque ele tem um projeto, tem planos, e ele vai mudar a política americana tanto no plano externo como interno, isso é utilíssimo para todo o Ocidente e particularmente para a União Européia, onde Portugal está inserido, e também para a América Latina ou a Ibero-América. A verdade é que se isso não acontecer, o Ocidente, nós todos pertencemos ao Ocidente, entra em colapso e entra numa situação muito má, porque a situação contrastante com a situação do Brasil e a situação do mundo, é hoje muito inquietante e



muito má, como sabe.

Presidente: Pois é, dr. Mário. Primeiro, uma vez presidente, sempre presidente. Quem já foi presidente nunca deixa de ser presidente. Agora, qual é o problema?

Mário Soares: (inaudível) são muito republicanos.

Presidente: Qual é o problema que nós vivemos hoje? Nós vivemos uma crise imobiliária americana, e de repente a gente descobre que muitos bancos europeus estavam participando de um cassino, em vez de utilizar o dinheiro para investir no desenvolvimento da economia.

Mário Soares: Americanos e (inaudível).

Presidente: Sim, bancos europeus e bancos americanos. E todos esses bancos, todos esses, cansaram de dar palpite na minha vida. Todos eles cansaram de dizer: “porque o Brasil vai fazer isso, porque o Brasil vai fazer aquilo, porque não pode fazer”. E, de repente, eu vejo o Citibank ter um prejuízo de 14 bilhões de dólares. Eu fico pensando: mas eles não sabiam de tudo? No fundo, no fundo, o povo precisa saber que a crise é uma crise de especulação. É uma crise de pessoas que apostaram em ganhar dinheiro sem suor, sem fazer nenhum sacrifício. É como se fosse em Las Vegas, num cassino, jogar dinheiro e ganhar. Quebraram. Na semana passada eu liguei para o primeiro-ministro Gordon Brown, liguei para o Bush e eu tenho dito: é preciso encontrar uma saída rápida, porque não é justo que o mundo em desenvolvimento, que ficou 30 anos praticamente estagnado, sem crescer, agora que começa a crescer se transforma em vítima dos especuladores ricos. Bem, eu espero que as medidas que o presidente Bush tem tomado agora



possa ajudar a resolver parte dos problemas. Eu sei que os bancos europeus, sobretudo o Banco Central, tem tentado corrigir, colocando dinheiro no mercado. E, graças a Deus, até agora não chegou ao Brasil, porque os bancos brasileiros também não estavam envolvidos nesse processo do *subprime*. Agora, estamos cautelosos, estamos preocupados, acho que os países ricos têm reservas suficientes para resolver esse problema, e não permitam que isso recaia outra vez sobre os países pobres.

Mário Soares: Mudando de assunto, passemos um pouco para Portugal e as relações com o Brasil. O senhor Presidente é considerado em Portugal como grande amigo nosso, um grande amigo de Portugal, tem sido o maior propagandista, no mundo inteiro, da língua portuguesa, porque felizmente fala só português e ouve bem português por todo mundo. Antigamente, muitos brasileiros falavam muito bem línguas estrangeiras, gostavam mais de falar a língua dos outros do que a própria. Portanto, isso para nós é realmente (inaudível) que nos agrada muitíssimo. Também tem sido um grande amigo da CPLP e fez uma coisa que os portugueses ainda não fizeram, eu estou (inaudível) governo português, é que estabeleceu (inaudível) embaixadores brasileiros em Lisboa, um junto à CPLP e outro junto a Portugal. Nós ainda não temos isso, e devemos ter. (inaudível) na CPLP, nesse triângulo que (inaudível) tem haver com o Brasil, com a África, com Angola, com Cabo Verde, com Portugal, etc.

Presidente: São Tomé e Príncipe, Moçambique. Eu sou muito otimista, dr. Mário, muito otimista. Eu acredito que nós estamos criando entre nós, países de língua portuguesa, uma valorização do que nós somos. Há uma certa cultura, eu diria, que nos transforma em seres menores. Muitas vezes, um governante brasileiro, um ministro, acha que é importante ir a uma palestra e falar a língua dos outros. Ora, se a língua é o valor cultural maior de um povo, é



o patrimônio de um povo, nada melhor do que a gente tentar falar a nossa língua onde a gente estiver, para que as pessoas percebam que nós existimos enquanto nação. Então, fortalecer a CPLP é uma coisa sagrada para mim, e vamos fazer o que estiver ao nosso alcance para que a gente garanta o sucesso...

Mário Soares: E as relações com o governo português e com o presidente da República (inaudível)?

Presidente: A nossa relação, eu tenho menos relações, eu só estive duas vezes com o presidente Cavaco Silva, mas eu tenho uma relação extraordinária com o Sócrates...

Mário Soares: Que é o chefe do (inaudível)

Presidente: Temos uma boa relação com o negociador, com o Durão Barroso, o homem que hoje negocia os nossos acordos com a União Europeia. Aliás, está vindo aqui, nós vamos almoçar. Vou receber o presidente Cavaco Silva no dia 7 de março, vamos jantar juntos para comemorar os 200 anos da chegada de dom João VI aqui.

Mário Soares: Foi uma coisa extraordinária. Os brasileiros apreciam muito dom João VI e com (inaudível) um rei português ter vindo para o Brasil, transformar a sede da capital do Império no Brasil e nós ficarmos numa colônia, aliás, ocupada por franceses, foi um grande ato de sabedoria

Presidente: Eu só lamento que não tenha parado em Pernambuco e ficado lá, foi parar no Rio de Janeiro. Então, eu tenho conversado muito com o primeiro-ministro Sócrates e tenho...



Mário Soares: E ele gosta muito do senhor.

Presidente: Eu gosto muito dele, tenho um profundo respeito. Eu tenho dito o seguinte: é preciso encontrar mecanismos de valorizar essa relação histórica que nós temos.

Mário Soares: Exatamente.

Presidente: Afinal de contas, são 500 anos de história.

Mário Soares: Não só por causa da história, mas para o futuro.

Presidente: Nós temos que pensar o seguinte: o que nós poderemos trabalhar juntos para fazer crescer a relação Brasil-Portugal, do ponto de vista cultural, do ponto de vista comercial, do ponto de vista político. Tenho trabalhado junto com eles na perspectiva de convencer empresários brasileiros a investir em Portugal, temos conversado com empresas portuguesas que querem investir no Brasil, e eu acredito que nós estamos no caminho certo. Sobretudo agora, que a TAP está colocando um vôo direto de Brasília. Eu vejo, aqui, os ministros todos que querem ir para a Europa, agora vão para Portugal. Antigamente, iam para Londres ou para Paris, agora vão para Portugal.

Mário Soares: E os franceses e os ingleses também vêm para Portugal.

Presidente: Eu acho extremamente importante Portugal exercer esse papel. Eu estou muito otimista de que nós vamos melhorar muito a nossa relação.

Mário Soares: Em todos os domínios (inaudível) dos biocombustíveis. Mas eu



lembro que a Petrobras tem um acordo muito simpático e muito bom, que nós apreciamos muito com (inaudível) em Portugal e estamos de um lado e de outro muito satisfeitos com essa parceria. E há outras grandes empresas, talvez no âmbito das telecomunicações, da ATP, etc, em que nós vamos também desenvolver tudo que for possível. Nós temos grandes investimentos no Brasil e o Brasil vai ter grandes investimentos, e é bom que os tenha em Portugal. Temos também muitos portugueses no Brasil, vivendo no Brasil, e temos muitos brasileiros vivendo em Portugal. Isso tem que ser (inaudível).

Presidente: O oceano Atlântico, na verdade, não é uma coisa que nos atrapalha, é uma estrada natural para que brasileiros e portugueses se encontrem...

Mário Soares: O dia de ontem, do ponto de vista do noticiário, foi dominado pela renúncia de Fidel Castro ao seu posto, ao fim de 49 anos de poder. Eu sei que o senhor esteve com ele, recentemente. Segundo dizem os jornais, não sei se é exato, ele até lhe pediu para servir de intermediário (inaudível)

Presidente: Não.

Mário Soares: Mas os jornais, então, não dizem a verdade? Eu li em um jornal brasileiro.

Presidente: Não. Mas não é verdade.

Mário Soares: Mas, de qualquer maneira foi lá, e a relação foi muito cordial entre uma parte e outra. Como o senhor vê o futuro de Cuba?

Presidente: Primeiro, eu senti que o Fidel estava melhor do que em outros



momentos, desde que eu o conheci. E, ao mesmo tempo, eu senti que o Fidel estava preparando essa novidade de dizer: “Eu não estou mais disposto a continuar como presidente...”

Mário Soares: Mas continua um (inaudível) das idéias.

Presidente: Ele está bem de cabeça, está bem, está lúcido, lúcido, mesmo. Eu acho que, se ele tomou essa decisão, vamos esperar quando o Conselho se reunir, eleger o Raúl. Eu vou convidá-lo para vir ao Brasil. Eu acho que foi uma medida sábia do Fidel Castro. O que eu penso de Cuba? Eu penso que Cuba tem o povo mais politizado do planeta Terra. Não tem nenhum povo no mundo politizado como o povo cubano, um povo com uma formação escolar de alto nível. Portanto, é um país que está preparado para dar um salto de qualidade. O que precisa ter? Primeiro, equilíbrio interno, para que as desavenças não ocupem o lugar e dêem pretextos para que os adversários de Cuba tentem criar confusão em Cuba. Da parte do Brasil, posso lhe dizer que, com muito carinho, o Brasil fará todo o esforço que tiver que ser feito para ajudar Cuba naquilo que for necessário.

Mário Soares: Sem querer resolver os problemas que (inaudível)

Presidente: Sem querer resolver os problemas de Cuba. Eu disse na televisão, ontem: é preciso permitir que os cubanos decidam o seu destino.

Mário Soares: Exatamente.

Presidente: Se eu cuidar dos meus, aqui, e eles cuidarem do deles, será melhor para todos nós.



Mário Soares: Senhor presidente, foi muito bonito o gesto e muito considerado na Europa, sobretudo em Portugal, quando o presidente Hugo Chávez perdeu o referendo e ficou numa situação um bocado difícil, o senhor presidente foi lá visitá-lo, e deu-lhe uma mão. Ele tem sido um homem que tem desenvolvido muito seu prestígio na América Latina e tem estado a querer fazer, digamos, uma certa integração, não política, mas econômica, da América Latina (inaudível) tem favorecido a Bolívia, tem favorecido outros países. Como as relações entre o senhor presidente e o Hugo Chávez se passam?

Presidente: Primeiro, nós temos uma relação extraordinária. Uma relação pessoal muito forte e uma relação entre o Estado venezuelano e o Estado brasileiro muito consolidada. O Brasil tem muitos investimentos na Venezuela, a Venezuela é um parceiro comercial muito importante para o Brasil. Nós estamos, agora, implantando uma sede da nossa Empresa de Pesquisa Agropecuária na Venezuela, para ajudar no desenvolvimento da agricultura na Venezuela. Nós estamos, agora, montando um escritório para desenvolvimento industrial na Venezuela, para ajudá-los a se desenvolver e não ficarem dependendo apenas do petróleo. Nós estamos fazendo parceria entre a Petrobras e a PDVSA, com investimentos no Brasil e com investimentos na Venezuela. A relação tem sido extraordinária. O Chávez sabe da minha opinião. Eu, por exemplo, não era favorável a que ele fizesse aquele referendo no momento em que fez. Ele tinha acabado de ganhar as eleições, não precisaria fazer o referendo.

Mário Soares: Eu também disse isso.

Presidente: Agora, eu respeito muito as decisões de cada chefe de Estado, porque ele toma as decisões em função da realidade política que está vivendo. Estabeleci com o Chávez quatro reuniões anuais, duas em Caracas e duas no



Brasil. Propus, na reunião do Mercosul, que nós criássemos um Conselho de Defesa da América do Sul, para que a gente possa estabelecer estratégias também de desenvolvimento na área militar e de defesa. Eu acho que vai bem. Vai bem com a Venezuela, vai bem com a Colômbia, vai bem com o Peru. Estamos construindo uma rodovia que liga o Brasil ao Pacífico, pelo Peru, essa estrada já está quase pronta, são quase dois mil quilômetros de rodovia. Estamos, agora, discutindo com a Bolívia um processo de integração que passa pelo Chile para chegar ao porto de Antofagasta. Eu penso que as coisas estão andando.

De vez em quando, a gente vê manchetes nos jornais como se estivesse havendo uma guerra aqui na América do Sul. É que nós gostamos de falar muito, ou seja, nós falamos demais e, às vezes, a imprensa pega uma falha numa palavra nossa, mas posso lhe garantir que a relação... Aliás, pedir para o primeiro-ministro Sócrates, já que tem 400 mil portugueses morando na Venezuela, o primeiro-ministro de Portugal tem que visitar a Venezuela.

Mário Soares: Exatamente. Aliás, o presidente Chávez, apesar de uma certa oposição de alguns países europeus, foi visitar recentemente Portugal, passou por Portugal. Eu (inaudível) e ele foi extraordinário, porque nós temos também com eles uma parceria importante, porque eles nos fornecem petróleo, e que nós (inaudível) fazemos gasolina para vender e exportamos para a América, é nossa (inaudível). Portanto, para nós também tem um grande significado hoje essa relação com a Venezuela.

(inaudível) é que eu vi alguns setores, principalmente militares que diziam: o Chávez está se armando e possivelmente vai atacar (inaudível). Parece uma coisa estranha. É uma (inaudível) tentar atacar (inaudível) estranha. Mas a verdade é que a situação é diferente e ainda bem que é diferente, porque uma certa unidade, não tem a ver com a soberania de cada país, mas uma certa unidade na América Latina, onde se fala a língua



espanhola e a língua portuguesa, nós percebemos o espanhol e eles percebem o português, se falarmos (inaudível). (inaudível) é qualquer coisa muito grande, porque nós, com a Espanha, temos uma unidade muito grande, não temos fronteiras, temos um mercado completamente integrado entre Portugal e Espanha. A Espanha hoje é um país também das desunidades, tem a Catalunha, País Basco, tem a Galícia, tudo isso. Portanto, nós podemos fazer uma parceria grande entre ibero-americanos, quer dizer, portugueses de fala portuguesa, de fala espanhola, é qualquer coisa de muito importante, que é mais de 10% da população mundial, os iberos já estão a contar muito.

Ano de eleições americanas, não é só para os de língua espanhola, é também para os brasileiros e portugueses que lá estão, que são muitos. Nós temos lá 1 milhão, e os senhores têm muito mais. Portanto, isso deve ser desenvolvido e as relações (inaudível) deve ser desenvolvida, tirando esse espectro do passado, (inaudível) visão que os americanos faziam para conseguir dominar, não tem sentido nenhum.

Presidente: Eu diria que aqui na América Latina nós evoluímos bastante. Muitas vezes as pessoas têm pressa: “por que não avançamos mais rápido?” Eu lembro que a Europa demorou 50 anos para construir esse projeto de unidade. Nós não podemos construí-lo em quatro ou cinco anos.

Mário Soares: Voluntária, unidade voluntária.

Presidente: Nós temos problemas, temos divergências, mas nós precisamos sempre procurar aquilo que é convergente, e não aquilo que é divergente. Uma vez eu estava com o presidente Lagos e com o presidente da Bolívia, e eu dizia para eles: nós precisamos parar de procurar as divergências que nós acumulamos no século XIX, e construir o consenso do século XXI, senão nós não andamos, senão vamos passar mais um século sendo países pobres. Nós



precisamos tirar proveito do século XXI.

Mário Soares: Vocês têm recursos únicos do mundo, de toda a natureza, (inaudível) porque a inteligência dos latino-americanos ou ibero-americanos, é realmente espantosa, vem das letras, das artes, da ciência, de tudo, portanto, não temos aí nenhuma ...

Presidente: Mas dr. Mário, eu penso que todos os países estão convencidos disso. Nós temos problemas sérios, vamos pegar o caso da Argentina e do Brasil. Tinha parte da diplomacia argentina que via o Brasil como adversário, e tinha parte da diplomacia brasileira que via a Argentina como adversária. Se nós permitirmos que os nossos negociadores, nossos diplomatas sentem-se à mesa com essas divergências históricas, nós não avançamos. Hoje nós temos uma relação excepcional com a Argentina, porque é um país muito importante...

Mário Soares: Mas o Mercosul, em todo caso, não tem andado tanto como seria de se pensar.

Presidente: Tem andado. O senhor está lembrado que quando eu cheguei aqui, o Mercosul ia acabar. Todo mundo falava que o Mercosul ia acabar e não acabou. Está mais forte hoje do que já estive em qualquer outro momento. Agora, é sempre difícil, é um trabalho muito complicado convencer o Brasil, não o Presidente, a estrutura do Estado brasileiro, a estrutura do Estado argentino, de que nós, por sermos os maiores, precisamos ser generosos, precisamos fazer as concessões que têm que ser feitas, permitir que eles possam vender mais para nós, ter créditos concessionais para que eles não tenham que pagar uma garantia absurda e juros escorchantes. Tudo isso é um processo de educação, não é uma coisa que a gente decide e acontece no dia seguinte.



Mas estamos avançando. Posso lhe garantir que quem vier governar o Brasil, depois do meu governo, vai pegar uma América do Sul muito mais consolidada do que em qualquer outro momento da existência da América do Sul.

Mário Soares: Isso é extremamente importante. Diga uma coisa, senhor Presidente. Com a sua experiência de sindicalista, de político, (inaudível) desde o princípio até agora, o senhor ainda acredita que há uma clivagem entre direita e esquerda no mundo, ou isso está acabando?

Presidente: Eu acho que existe. Nós temos muita gente de direita e temos muita gente de esquerda. O que acontece é que as experiências que nós tivemos, por exemplo, de socialismo implantado no mundo, se pegarmos a Revolução de 1917 e pegarmos outras, a gente vai perceber que o sonho, o tal do socialismo...

Mário Soares: Totalitário.

Presidente: ...não conseguiu sobreviver. Porque em algum momento se errou...

Mário Soares: Mas a utopia, a igualdade, mantêm-se...

Presidente: A utopia continua. Por que o meu partido nunca quis definir se era um partido socialista? É porque toda vez que levantávamos essa discussão, nós dizíamos: que tipo de socialismo? Essa é uma discussão que a sociologia vai ter que fazer com muita profundidade, ainda. Mas eu acho que a esquerda continua a existir, a utopia continua a existir. O mundo justo que nós sonhamos, nós ainda queremos construí-lo. Agora, quando você chega à Presidência, no governo do estado ou numa cidade, você já não tem mais o



direito de sonhar, você tem o direito de fazer, porque o mandato é de quatro anos e se você ficar sonhando muito, termina o mandato e você não fez.

Então, eu resolvi adotar, primeiro, um pragmatismo administrativo. As coisas têm que acontecer no prazo que têm que acontecer, o mandato é muito curto e, graças a Deus, conseguimos. Ainda ontem eu fiz um debate no Espírito Santo, tinha muita gente do povo lá, e eu dizia: por que eu dizia que eu não podia errar? É porque qualquer empresário que for presidente e errar, não tem problema nenhum; qualquer grande cientista político que for presidente e errar, não tem problema nenhum; qualquer grande intelectual, não tem problema nenhum; agora, um operário, se errar, é um retrocesso de 100 anos, porque vão dizer que a gente não sabe governar, que a gente não está preparado. Então, o meu sacrifício todo dia é para provar que a gente tem competência para fazer mais do que muitos que governaram o Brasil.

Mário Soares: Se me permites, essa prova já está feita há muito tempo, (inaudível) ninguém ousa dizer que o senhor não tem competência.

Presidente: Mas aqui no Brasil se fala muito, ainda. Aqui no Brasil tem um tipo de gente, dr. Mário, que se levanta de manhã... Eu vou lhe contar dois exemplos: a crise americana. Tinha muita gente que escrevia: “agora eu quero ver se o governo vai agüentar, agora eu quero ver se o Brasil está preparado, agora vamos ver se o governo vai ter saída”. São pessoas que torcem para que o Brasil não dê certo. Agora, o que eu acredito que vai acontecer nos próximos anos? Eu acho que o Brasil amadureceu politicamente, acho que a sociedade brasileira deu uma lição em todos nós. Na eleição passada, sabe qual foi o aviso que o povo pobre deste País deu à elite política? “Não queremos intermediário entre nós e o nosso governante. Esse negócio de formador de opinião pública não vai fazer mais a minha cabeça”. Por quê? Porque as coisas estão chegando na casa dele, ele está vendo acontecer na casa dele. Então,



eu acho que é uma evolução importante. O senhor vai voltar muitas vezes ao Brasil e Deus queira que quando terminar o meu mandato em 2010, quando eu for fazer um jantar de despedida, que o senhor venha aqui, e o senhor vai ver que as coisas melhoraram substancialmente.

Mário Soares: Senhor Presidente, eu agradeço muito esta entrevista, mas queria só fazer uma última pergunta. O senhor está à vontade para responder como quiser ou não responder. O que o senhor vai fazer depois de deixar de ser presidente, no final de 2010?

Presidente: Desde 1978, quando terminou o meu primeiro mandato no sindicato, eu prometi para a minha mulher que era o meu último mandato e que eu ia voltar para casa. De 1978 até agora já são 30 anos, e eu não voltei para casa. Agora já estou com 62 anos, quando terminar o mandato vou estar com 65 anos e eu vou ter que voltar para casa.

Mário Soares: É uma criança.

Presidente: Eu não sei o que vou fazer, mas pelo menos eu sei que não quero mais voltar a ser dirigente do PT, ficar na direção do partido. Não vou concorrer a nenhum cargo de deputado, de senador, de vereador, de prefeito, não vou. O que vou fazer, eu vou pensar quando terminar o meu mandato.

Mário Soares: Como diz o Fidel, vai continuar a ser um combatente pelas grandes idéias.

Presidente: Quem sabe, viajar um pouco o mundo. Quem sabe, me inteirar um pouco mais da África, quem sabe... Vamos dizer que o destino a Deus pertence, e estaremos tranqüilos nisso.



Mário Soares: Muito obrigado, foi muito agradável esta conversa com o senhor.

Presidente: Obrigado ao senhor, dr. Mário. Foi um prazer participar desta conversa.

Mário Soares: Muito obrigado.

(\$31DHJMP)